



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



**O NOVO JORNALISMO E AS MUDANÇAS NO TRABALHO DO JORNALISTA:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVA**

Marília Giselda Rodrigues

mariliagiselda@uol.com.br

Grupo Atelier/LAEL PUC-SP/CNPq

O jornalismo impresso passa por um período de grandes transformações, decorrentes do desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação. Além do encurtamento do tempo de produção de notícias, o jornalista agora deve produzir para diferentes plataformas (impressa e digital em diferentes suportes), o que significa aumento do volume de trabalho. Ao mesmo tempo, o jornalista e o jornalismo tradicionais perdem a primazia na produção de notícias e concorrem com múltiplas possibilidades de comunicação e novos atores. O jornalismo moderno do século XX, que já fora o “novo jornalismo”, passa a ser chamado a “velha mídia” e precisa então se reinventar. Para a elaboração de meu projeto de pesquisa de doutorado, em andamento, debruicei-me inicialmente sobre um conjunto de textos que versam sobre o fim do jornalismo, tomados como um sinal (GINZBURG, 1986/1991) de mudanças significativas. Essa análise preliminar permitiu a construção de um espaço discursivo em que dois discursos – o do jornalismo tradicional e o do “novíssimo” jornalismo – disputam a legitimidade de um papel na sociedade, e a formulação de uma pergunta-problema de pesquisa: como se constitui, a partir de uma relação interdiscursiva com outro discurso que o precede, um novo discurso jornalístico, e quais seriam suas características, ou suas matrizes semânticas? Os pressupostos teóricos são os da Análise do Discurso francesa, sobretudo os estudos de Dominique Maingueneau, que têm em *Gênese dos Discursos* (1984/2007) seu marco de singularidade. O tratamento dos discursos se dá a partir da noção de uma *semântica global*, em que as mesmas determinações de uma dada formação discursiva explicam as práticas dos adeptos de um discurso, advindas de diferentes domínios semióticos, seu *ethos*, a organização das comunidades discursivas, a intertextualidade e os modos de coesão dos discursos, os gêneros possíveis e os temas tratados, enfim, o caráter global dessa semântica restringe simultaneamente o conjunto dos planos discursivos e todos os domínios da discursividade, não somente o enunciado, mas também a enunciação, e mesmo, além dela, as instituições, os modos de organização dos homens, submetidos ao mesmo processo de estruturação que os discursos correspondentes. Se o trabalho dos jornalistas é ser o mediador das diversas falas que se entrecruzam no espaço público, produzindo discursos e colocando-os em circulação, então mudanças no trabalho devem afetar também tais discursos, uma vez que se trata de ação empírica que deixa rastros no produto final. Trata-se daquilo que Maingueneau (1984/2007, p. 140) denomina “ritos genéticos”, o conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um

enunciado, uma noção mais ampla que a de pré-texto (anotações, gravações, rascunhos etc), já que inclui também comportamentos não escriturais, e que são inseparáveis do discurso, portanto ligados a um mesmo sistema de restrições semânticas. Assim, o objetivo da pesquisa é conhecer, ao mesmo tempo, o trabalho do jornalista em momento de transformações na atividade, e o sistema de boa formação semântica que estrutura o novo jornalismo que ora se constitui. Para isso foi necessário recorrer também à Ergologia, disciplina do trabalho, que o entende como atividade humana que nutre e cruze todas as demais esferas da vida (SCHWARTZ, 2000, 2007). Parte do *corpus* da pesquisa vem se produzindo em campo, com observação e entrevistas na redação da *Folha de S. Paulo*. Aqui, apresento uma breve análise de outro conjunto do *corpus*, em que comparo exemplares do jornal antes e depois de reforma apresentada em maio de 2010. É possível apreender algumas restrições semânticas do “velho” e do “novíssimo” jornalismo, diferenças e relações entre duas práticas discursivas. O ideal de objetividade e neutralidade, sempre tão caro aos jornalistas, parece ser substituído, ainda que lentamente, pela possibilidade de assumir uma posição e uma intimidade maior com os leitores.

Palavras-chave: Linguagem e trabalho; discurso e enunciação; semântica global; Ergologia; Jornalismo.

Referências Bibliográficas

GINZBURG, C. (1986) Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras, 1991, p. 143-277.

MAINGUENEAU, D. (1984) *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. 1ª reimpressão. Curitiba: Criar Edições, 2007.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. In: *Revista Pro-posições*. UNICAMP. vol. 11. Julho-2000, p. 34-50.

_____. Un bref aperçu de l’histoire culturelle du concept d’activité. In: *Activités Revue Électronique*, v. 4, n. 2, 2007. p. 122-133. Disponível em: <<http://www.activites.org>>. Último acesso em 13.mai.2009.

Área/linha teórica do trabalho: Análise do Discurso
Tipo de apresentação: Comunicação